

O espaço entre o imaginativo e o factual: venturas e desventuras de dois meninos pela Bahia, de Jorge Amado, e a Angola, de Ondjaki

The space between the imaginative and the factual: adventures and misfortunes of two boys in Bahia, by Jorge Amado, and Angola, by Ondjaki

Cristiane Aparecida Francisca Moreira¹

RESUMO: Este artigo pretende fazer uma reflexão a respeito das possíveis representações da infância, em suas múltiplas nuances, vividas dentro de um espaço físico adverso devido a motivações sociais e/ou políticas. Para isso, faremos uma análise comparativa entre os romances *Capitães da Areia*, do escritor brasileiro Jorge Amado e *Bom dia, Camaradas*, do autor angolano Ondjaki. Nesse sentido, pretendemos entender como essas infâncias são retratadas no âmbito da chamada literatura engajada ou literatura de resistência.

ABSTRACT: This article intends to reflect on the possible representations of childhood, in its multiple nuances, lived within an adverse physical space due to social and/or political motivations. For this, we will make a comparative analysis between the novels *Capitães da Areia*, by the Brazilian writer Jorge Amado and, *Bom dia, Camaradas* by the Angolan author Ondjaki. In this sense, we intend to understand how these childhoods are portrayed in the context of the so-called engaged literature or resistance literature.

PALAVRAS-CHAVE: Comparatismo literário; História; Infância.

KEYWORDS: Literary comparatism; History; Infancy.

1. Introdução

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, licenciada em Pedagogia (2018), bacharel e licenciada em Letras (2012) pela Universidade de São Paulo.



“Porque a revolução é uma pátria e uma família” (AMADO, 2008, p. 270); a célebre frase com que Jorge Amado encerra o romance *Capitães da Areia*, de 1937 — também está presente dentro de *Bom dia, Camaradas* — publicado por Ondjaki em 2001, todavia não aparece citada explicitamente assim como na obra do autor brasileiro, mas atravessa a narrativa angolana de modo simbólico, ou seja, é um pensamento que encontra-se pulverizado dentro da totalidade do texto e age como força motriz a impulsionar os acontecimentos em *Bom dia, Camaradas*.

No romance de Ondjaki, encontra-se representada a infância, por meio, da personagem Ndalú - um menino que vive o dia a dia de um país recém-independente e imerso em uma longa e sangrenta guerra civil iniciada ainda quando Angola era uma colônia portuguesa. Portanto, mesmo antes da Independência angolana, os grupos nacionalistas - que combatiam os colonizadores portugueses - já lutavam entre si pelo controle político do país e, sobretudo, da capital Luanda, como ilustra o historiador, Paulo Fagundes Visentini:

A luta irrompeu primeiramente em Luanda, em fevereiro de 1975, entre o MPLA e os seguidores de Daniel Chipenda. Logo em seguida, as forças da FNLA invadiram o norte do país, com o apoio do exército do Zaire, tendo como objetivo chegar até Luanda e, assim, privar o MPLA de sua principal base de apoio antes da formalização da independência. (VISENTINI, 2012, p. 56).

Assim, cabe ressaltar dois aspectos a respeito da maneira como esses fatos históricos reverberam dentro do livro de Ondjaki. Primeiro, a verdadeira pátria - a qual o escritor angolano exalta - através dos diálogos entre Ndalú e camarada António - só nasceu após a revolução popular que culminou com a proclamação da independência em 11 de novembro de 1975 e ainda está em formação durante o

período narrado. E, em segundo lugar, a guerra fratricida que no recorte temporal escolhido pelo autor acontecia apenas nas regiões rurais de Angola, também, atingiu a sua capital anteriormente ao momento sócio-histórico retratado pela narrativa.

Nesse sentido, *Bom dia, Camaradas* não deixa de ser uma volta ao passado para tentar entendê-lo e até mesmo indagá-lo. Não apenas ao passado da geração pré-independência, como ao passado da infância de Ondjaki e, por assim dizer, da infância da independência do próprio país.

Segundo o autor, “o livro é autobiográfico”², uma vez que retrata os anos de sua infância vividos “nessa Angola de estreia da independência”³ através da personagem Ndalú – nome de batismo de Ondjaki – no entanto, ainda segundo o escritor na mesma entrevista, também “é um livro ficcionado”⁴, assim, após algumas minuciosas leituras de *Bom dia, Camaradas*, pudemos perceber que as duas afirmações do autor acabam por ir ao encontro de algumas das indagações que nos movem neste trabalho, como: qual é o espaço entre o imaginativo e o factual? Como se dá a representação de fatos históricos dentro de uma obra romanesca? E, por fim, qual a importância e abrangência desse tipo de literatura para a sociedade?

Nesse sentido, podemos ressaltar que, dentro da literatura angolana, a história é revista através da ficção e a oralidade encontra-se arraigada nas tradições africanas. Ademais, dentro do processo que culminou com a independência de Angola, existia a necessidade latente de recontar a história do

² Comentário feito pelo autor em entrevista ao programa Roda viva exibida pela emissora brasileira TV Cultura em 15 de julho de 2007.

³ *Ibidem.*

⁴ *Ibidem.*



país e criar um espaço para que as futuras gerações de angolanos pudessem conhecê-lo pelo olhar africano e não mais pela perspectiva europeia.

Além disso, a história de Ondjaki e de suas personagens mesclam-se a de seu país e por conseguinte, o autor parece voltar o seu olhar para o passado com a intenção de entendê-lo melhor dado que na ocasião em que esses fatos ocorreram ele não tinha maturidade e muito menos distanciamento crítico para isso, ou seja, agora Ondjaki pode rever a história de seu país por outro prisma e falar a respeito da mesma estando em outro *lócus* enunciativo, o que lhe permite um olhar mais livre sobre o que narra.

Em *Capitães da areia* temos o despertar do herói⁵ – que na obra de Jorge Amado não é um solitário como no romance burguês e sim, um herói coletivo que vai se formando ao longo da narrativa ao mesmo tempo em que toma consciência das injustiças sociais a sua volta – “o herói corre risco em favor de algo mais elevado” (DUARTE, 1997, p. 140). É importante ressaltar que o despertar do herói é um recurso bastante utilizado em literaturas engajadas, como a amadiana.

Portanto, ao acompanhar a transformação de Pedro Bala de chefe dos meninos abandonados da capital baiana a militante e preso político, o leitor, também, é atravessado pelo Brasil varguista e as muitas violências sofridas pelos indivíduos que estavam à margem da sociedade naquele período.

Por esta razão, ao final dessa análise, encontramos-nos convencidos a defender a ideia de que tanto em *Capitães da Areia* quanto em *Bom dia, Camaradas* a “revolução” acaba por tornar-se a almejada pátria dos homens e mulheres que lutavam para derrubar o fascismo, dentro do Brasil, e o colonialismo, em Angola.

⁵ Recurso mais comum na chamada primeira fase do autor.

Assim, essa flâmula de resistência heroica – percorrendo toda a obra até o final de cada um dos dois romances – ainda que sejam finais bem distintos: enquanto Angola caminha para um cessar fogo, o Brasil mergulha no “ano que foi todo ele uma noite do terror” – torna qualquer um daqueles que compartilhem das mesmas ideias e sonhos – seja em Salvador ou em Luanda – parte de uma singular família plural, que não era ligada pelo mesmo sangue ou pela mesma etnia, e sim unida pela forte vontade de mudanças e movida pela ideia de liberdade.

E é justamente nesse universo engajado que inserem-se as escritas desses dois romances que, apesar de serem frutos de momentos e países distintos, constituem-se da mesma inspiração combativa que tentaremos desescamotear nas próximas páginas.

2. Jorge Amado: história e lutas na década de 30

Embora, muitas vezes, a crítica acabasse por construir uma imagem diminuída da literatura amadiana, o público leitor edificou a escrita do autor consagrando-a não só no Brasil, como no exterior. Nesse sentido, vale salientar, que até o início dos anos noventa, Jorge Amado era o escritor brasileiro mais traduzido no mundo.

Sua obra costuma ser dividida em duas fases: a fase política – que vai do lançamento de *O país do carnaval*, em 1930, até a publicação da trilogia *Os subterrâneos da liberdade*⁶, de 1954 e o seu afastamento do Partido Comunista após

⁶ Trilogia formada pelos volumes: Os ásperos tempos, Agonia da noite e A luz no túnel.



as denúncias de Nikita Khruchióv – e a fase pitoresca, marcada pela publicação de *Gabriela, Cravo e Canela*, em 1958, e que duraria até o fim de sua vida.

Muitas das narrativas de Jorge Amado advém de fatos históricos e experiências pessoais vivenciadas pelo escritor ou por pessoas próximas a ele. O autor costumava afirmar que a sua escrita era alimentada pela “vida vivida” e, ainda que só tenha escrito dois livros de memórias, essas vivências acabam por reverberar em toda a sua obra, como afirma a pesquisadora de literatura amadiana, Norma Seltzer Goldstein:

O encontro entre a vida real e ficção percorre grande parte da obra do autor. Essa fusão permite ao leitor acompanhar diferentes temas tratados na ficção que, direta ou indiretamente, remetem ao mundo em que vivemos. Considerando o entrecruzamento de ficção e vida real como eixo principal dos diálogos amadianos, é possível considerar que dele se desmembram novos diálogos. (GOLDSTEINS: 2008, p. 11).

Desse modo, mesmo aquelas experiências vividas de forma premeditada pelo autor, como as que deram origem a *Capitães da Areia*, revela-nos o cuidado e a dedicação de Jorge Amado em relação ao seu trabalho. Um bom exemplo disso está na declaração a seguir – feita pela escritora Zélia Gattai Amado:

A temática das crianças que vivem nas ruas continua bastante atual. Para escrever *Capitães da Areia*, Jorge Amado foi dormir no trapiche com os meninos. Isso ajuda a explicar a riqueza de detalhes, o olhar de dentro e a empatia que estão presentes na história. (AMADO, 2008, p. 271).

Nesse sentido, estabelece-se uma confluência entre a produção amadiana e a obra de Ondjaki. Logicamente, nem todos os autores buscam ou precisam buscar

acontecimentos reais para enriquecer a sua produção romanesca e, mesmo quando o fazem, esses fatos ganham outra vestimenta, um certo estatuto ficcional, e são trabalhados como matéria ficcionalizada. Entretanto, dentro dos dois romances aqui analisados, podemos perceber claramente os recortes históricos costurados à ficção na construção de uma teia que nos possibilita uma visão epistêmica a respeito da sociedade da época em que se dão os fatos narrados.

Em *Capitães da Areia*, por exemplo, além dos momentos precedentes ao Estado Novo, também temos a representação do Cangaço, das epidemias de varíola, das greves – tão comuns na escrita do autor – e da proibição ao culto do Candomblé. Fora isso, podemos vislumbrar dentro da literatura amadiana um fio condutor que liga acontecimentos, ideias e personagens através de seus livros, como nos revela o professor e crítico literário, Antonio Candido:

Os livros desse autor nascem uns dos outros, germinam de sementes lançadas anteriormente, sementes que às vezes permanecem muito tempo em latência (...). Dos meninos vadios de Jubiabá, do bando de Antônio Balduino, nascem e crescem os Capitães da Areia, e dos seus saveiros, do oceano, nasce Mar morto. Os meninos vadios, por sua vez, são certamente uma necessidade imposta por Suor, pelo desejo de mostrar a gênese daquela vida esmagada de cortiço. (CANDIDO: 2008, p. 71).

É sempre importante lembrar que Jorge Amado escreveu *Capitães da Areia* às vésperas do golpe dado pelo então presidente Getúlio Vargas, isto é, no epicentro da crise política a qual culminaria com o Estado Novo e que ele vivenciou, como intelectual de esquerda, o que afere certo tom de testemunhal ao romance.

Nesse sentido, o olhar que Amado empregava para descortinar o seu país, tanto na primeira quanto na segunda fase de sua carreira, acabou por torná-lo um “interprete do Brasil” segundo o historiador Alberto da Costa e Silva ou mais ainda



“seu inventor” nas palavras do crítico literário José Castello: “Não é exagero dizer: Jorge Amado foi o inventor do Brasil moderno. Não há escritor brasileiro que tenha a imagem pessoal tão ligada a nosso país quanto ele” (2008, p. 11), ou seja, ao contrário de outros autores que escamoteavam a realidade brasileira, Jorge procurava retratar o Brasil de maneira fiel com todos os seus problemas sociais, porém com suas belezas e a alegria do povo brasileiro, principalmente, do povo baiano de modo que seus leitores pudessem “conhecer”, por meio de sua literatura, um pouco desse território.

Apesar disso, Jorge Amado não se sentia contemplado com a imagem de grande escritor que lhe era atribuída e muito menos a de literato, a qual muitas vezes o autor baiano renegou, “Para Jorge, os escritores podiam ser tudo, menos literatos. Literato é o homem letrado e que gosta de exibir erudição, ele pensava. Jorge, ao contrário, era apenas um homem que gostava de escrever. Dizia ser um escritor e mais nada” (CASTELLO, 2008, p. 13).

Essa relutância em pertencer à intelectualidade, de certa maneira, o manteve cada vez mais próximo ao povo, material humano de sua escrita, o que aumentou ainda mais a sua popularidade entre os seus leitores. Ademais, possibilitou ao escritor vivenciar suas convicções políticas e existenciais como um escritor engajado primeiramente norteado pela ideologia marxista e depois apenas por um sentimento de dever: “o escritor engajado coloca em jogo bem mais do que sua reputação literária; ele arrisca a si mesmo integralmente na escritura, fazendo aparecer aí a sua visão do mundo e as escolhas que dirigem a sua ação” (DENIS: 2002, p. 46).

Por outro lado, é muito provável que tenha sido essa aversão à figura de grande intelectual e uma consciência tranquila, por fazer o que acreditava, que o

manteve neutro diante dos críticos e seguro de si e de seu trabalho mesmo não alcançando um maior destaque dentro do cânone da literatura brasileira.

3. Ondjaki: história e esperança nos anos de utopia

É muito provável que o maior desafio desse trabalho seja falar sobre uma obra de um jovem escritor que está em plena ascensão e desenvolvimento de sua escrita. Por isso mesmo, cabe aqui ressaltar que esse estudo diz respeito à leitura de *Bom dia, Camaradas*, primeiro romance do autor, publicado em 2001, sem relacioná-la a sua produção posterior.

Isto posto, o romance como gênero literário surgiu em um período de inúmeras mudanças políticas e transformações sociais, que marcaram o advento da burguesia europeia a partir do século XVI, e ainda hoje preserva em seu cerne esse caráter atrevido e metamórfico.

Comumente visto como herdeiro das grandes formas épicas do passado, o romance no sentido em que o entendemos hoje, é um gênero relativamente recente, mantendo laços apenas muito frouxos com a tradição de que se originou. Para uns nascido com as peripécias de Dom Quixote, para outros, com o naufrágio e a ilha deserta de Robinson Crusoe, o romance moderno, a despeito das nobres origens a ele atribuídas pelo historiador e que ele próprio reivindica, é na realidade um recém chegado nas Letras, um plebeu que vingou e que, em meio aos gêneros secularmente estabelecidos e pouco a pouco por ele suplantados, continua parecendo um arrivista, às vezes um aventureiro. (ROBERT, 2007, p. 11).

Logo, a chegada desse gênero narrativo nas então colônias portuguesas na África não apresenta um contexto histórico-social muito diferente. Tipo de literatura, inicialmente, tido como “açucarado” e desse modo adequado ao



entretenimento unicamente do público feminino. O romance, pouco a pouco, foi ganhando força e transformou-se em uma arma importante na luta pela conscientização popular e uma força motriz na construção da tão sonhada identidade nacional do homem africano.

Mesmo não havendo nesses territórios uma burguesia emergente tão forte quanto na Europa do século XVIII, países como Angola e Moçambique – que tinham em comum o fato de serem colonizadas por Portugal – viam ano após ano suas riquezas esvaindo-se e indo parar nos cofres do autoritário governo ditatorial salazarista. Fora isso, eram obrigados a sujeitar-se à violenta repressão exercida pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado⁷ (PIDE), braço armado da metrópole no controle interno de seu território e, principalmente, no “além-mar” o que acabava por reforçar a necessidade urgente de reformas administrativas e sociais nesses espaços.

Desse modo, o romance surge como um gênero vivificador e com forte papel social dentro de uma tradição ficcional até então, somente, ligada à poesia. Assim, o romance vai liderar um projeto literário atrelado a um plano ainda maior, o da independência política em relação a Portugal, isto é, o novo gênero ficcional permitia não só a manifestação de um ideário libertador, como, a problematização da questão colonial e de todos os agravantes desse processo, até então.

Durante a longa dominação portuguesa no continente africano, a literatura era produzida pelos colonizadores, que eram retratados como uma espécie de desbravadores heroicos daquele espaço primitivo: “um herói cristão europeu” que

⁷ A PIDE foi criada durante o chamado Estado Novo português, e se constituiu em um dos órgãos mais enérgicos no combate aos inimigos do regime ditatorial salazarista, e em 1957 foi mandada para Angola a fim de combater os movimentos rebeldes que nasciam como frutos do descontentamento do povo angolano em relação ao governo colonial.

em um ato de extrema coragem e desprendimento abandona Portugal para servir a sua pátria no hostil continente africano.

E ao chegar ao “novo mundo” e encontrar os seus habitantes “brutos e pagãos”, o homem europeu – personagem principal do enredo – com todos os seus inúmeros atributos; precisaria educar os “selvagens” na fé cristã, na língua e na lei da coroa portuguesa, pois essa era a sua missão.

Fora isso, a maior parte da população nativa era formada por analfabetos, o que dificultava ainda mais qualquer tipo de reação por parte dos angolanos. Assim, por muito tempo a literatura colonial perdurou no país. Todavia, alguns angolanos, filhos das famílias mais abastadas da colônia, acabaram por estudar fora do país e assim começaram a organizar-se. Primeiro foram poetas como Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade e depois prosadores como José Luandino Vieira e Pepetela.

Desse modo, a ideia de produzir uma literatura sobre Angola, escrita por angolanos e que viesse ao encontro dos anseios dessa geração ajudou a fomentar o sonho de independência do país. Outro ponto de extrema importância nessa literatura é o espaço narrativo, José Luandino Vieira centraliza as ações de suas obras nos musseques⁸ de Angola, Pepetela escolhe como espaço romanesco os locais por onde passavam as guerrilhas durante a Luta de libertação, enquanto Ondjaki, como veremos mais tarde, fala diretamente da capital do país, a respeito dos “ecos de guerra” tão presentes na rotina da cidade.

Dessa forma, surge o herói da chamada literatura nacional em contraponto ao herói colonial. Um herói que tem por missão alargar a visão do homem africano em relação a si mesmo e, também, a atroz colonização sofrida não só por Angola,

⁸ Musseque, expressão que em língua nacional Kimbundu, significa "onde há areia", ou seja, são os bairros mais pobres de Luanda, geralmente sem asfalto, que podem ser comparados com as chamadas favelas brasileiras.



como por outros países africanos, além de ajudar a construir a identidade nacional desse novo homem que irá edificar uma nova nação.

Consequentemente, é no conteúdo expresso que esses romances vão ganhar maiores proporções nessas colônias, ou seja, por sua vocação pela historicidade e suas tentativas em captar a sociedade em constante transformação. Mais do que isso, essa mescla existente entre o discurso poético e o discurso científico que perpassa o gênero como um todo e, principalmente, a capacidade de pensar a sociedade inspirando-lhe novos rumos, “Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites.” (BENJAMIN, 1994, p. 201) e, portanto, o romance também vai interferir no meio social que o gerou “O romance com efeito, exprime a realidade segundo um ponto de vista diferente, comparativamente analítico e objetivo, de certa maneira mais adequado às necessidades expressionais do século XIX.” (CANDIDO, 1981, p. 109).

Salvo todas as coisas que já foram explanadas até aqui, não podemos desconsiderar o quanto essa geração precursora de romancistas angolanos também influenciou a geração seguinte, formada pelo próprio Ondjaki e outros autores seus contemporâneos, uma vez que esse grupo nascido após a independência do país e educado ainda em um regime socialista implantado pelo MPLA com efetivo apoio de Cuba é herdeiro legítimo do anterior e carrega certa responsabilidade por isso, “Ele também falou do camarada Che Guevara, falou da disciplina e que nós tínhamos que nos portar bem para que as coisas funcionassem bem no nosso país” (ONDJAKI: 2001, p. 21).

Como já mencionamos nesse estudo, *Bom dia Camaradas* é o primeiro romance do autor e está inserido pelo próprio Ondjaki em uma tríade chamada “anos 80” que retrata a sua infância e a história de seu país nesse período.

Pensando no país e no momento histórico descrito pelo escritor angolano, não podemos nos furtar de observar o lugar de destaque que cabe ao regime socialista que se erguia então e todas as implicações desse processo político. Entretanto, segundo Ondjaki, o livro fala de sua infância e os encadeamentos políticos retratados são apenas o pano de fundo e não a ação central da narrativa.

Não é que o livro fala da saudade de um regime. O livro, através da infância, através da saudade, vai retratando esse regime. Eu quis até, quase, assumir uma postura um pouco neutra de retratação desse regime. Como uma criança vê, viveu, vivenciou esse regime. Eu acho que as crianças não faziam uma análise muito profunda. Até que hoje eu poderia fazer. Eu não quis fazer essa análise. Eu quis que essa criança olhasse para o país e que dissesse com uma certa inocência, com uma certa imparcialidade, o que estava a passar. Isto sim, eu procurei relatar, de certo modo, do ponto de vista da criança. (ONDJAKI, 2007)⁹.

Por isso, que dentro de nosso trabalho procuramos entender o momento histórico como um dos possíveis caminhos de análise, entretanto, não como algo que possa se sobrepor a narrativa ficcional elaborada pelo autor, isto é, alguns fatos históricos representados em *Bom dia, camaradas* ajudam a dar sustentação aos acontecimentos narrados, todavia, a teia romanesca criada por Ondjaki vai muito além disso.

O autor ficcionaliza experiências vividas para assim narrá-las e, desse modo, as experiências humanas fomentam a matéria literária deixando o seu lado factual e individual para tornar-se literaturizadas e coletivas. Ademais, constituem-se como uma reconstrução de momentos vividos e nunca momentos realmente vividos, ou

⁹ Fala do autor em entrevista ao programa Roda viva exibida pela emissora brasileira TV Cultura em 15 de julho de 2007.



seja, por mais intensa que uma vivência tenha sido para um indivíduo, ele nunca conseguirá recriá-la no campo artístico com total exatidão.

As sensações, a visão e a vivência em si estão intrínsecas dentro da singularidade de cada experiência vivida, desse modo, todas as vezes em que um autor tenta recriar em uma obra algo já vivenciado por ele ou por outrem, ele esbarrará com essa impossibilidade e cruzará novamente não com essa vivência e sim com as suas próprias memórias a respeito delas, memórias muitas vezes transformadas pelo tempo.

Por outro lado, quando bem trabalhadas essas memórias podem conduzir o trabalho do escrito por caminhos diversos e fecundos, nossa tentativa aqui é tentar entender esse processo de reconstrução do passado e a motivação de Ondjaki para isso.

Por fim, entre os méritos do escritor angolano está a capacidade de orquestrar ficção e história com auxílio de certos matizes de lirismo e humor que ajudam a compor o belo e leve mosaico ramificado entre o individual e o coletivo em que acaba por se constituir esse romance. Uma obra que entre tantos cheiros descritos, remonta ao cheiro da esperança que envolvia essa nação recém-liberta buscando, durante a década de 80, sedimentar a sua independência e caminhar rumo a um futuro melhor.

4. Considerações finais

Para demonstrar alguns aspectos de nossa análise e enfim concluí-la, voltaremos ao título de nosso trabalho para explanar algumas considerações importantes, *O espaço entre o imaginativo e o factual: literatura e história nas*

venturas e desventuras de dois meninos pela Bahia, de Jorge Amado e a Angola, de Ondjaki. O primeiro ponto destacável pelo título de nosso estudo pode ser resumido em uma dessas duas perguntas: qual é o espaço entre fato e ficção ou literatura e história? Ou ainda, no que se aproximam e no que se repelem fato e ficção?

Em nossa pesquisa, pudemos percebermos como isso ocorre de maneiras diferentes em cada um dos romances que examinamos: *Capitães da Areia* se enquadra no gênero romance proletário e atende alguns preceitos para ser também chamado de documento social, “[...]apesar de ficção, ele é escrito no momento de vivência do autor, onde o escritor, o militante e o cientista social, se relacionam intimamente para, através desta obra, captarem, uma realidade que faria parte de uma “história imediata”” (SERRANO, 1988, p. 02).

Ao relacionarmos o ponto de vista empregado pelo professor Carlos Serrano em sua análise do romance, *Myombe* (Pepetela, 1979), ao livro de Jorge Amado podemos facilmente fundamentar a ideia de *Capitães da Areia* como uma espécie de documento social, uma vez que o escritor baiano assim como o revolucionário angolano compõe a sua obra tendo esse “olhar de dentro” da situação, ou seja, Jorge Amado escreve entre outras coisas sobre a situação de militantes marxistas (como ele) às vésperas do Estado Novo (momento que ele estava vivendo) e em muitas ocasiões irá somar a sua ficção as experiências vivenciadas por ele mesmo ou por pessoas próximas ao seu convívio.

Em contrapartida, *Bom dia Camaradas* apresenta um distanciamento temporal dos fatos e uma tentativa do autor em visitá-los da mesma forma que revisita a criança que já foi um dia; o “pioneiro” nascido em um país recém-independente e educado de acordo com a ideologia política adotada pelo novo governo. No livro de Ondjaki, a questão histórica mescla-se à questão da



memória, ou seja, há uma rememoração dos acontecimentos factuais vivenciados pelo autor e isso gera uma oscilação entre a memória pública e memória privada ou ainda entre a memória coletiva e a memória individual.

O segundo ponto que nos chama bastante atenção dentro do título de nossa pesquisa é o espaço romanescos, que aqui aparece sob o nome de um estado brasileiro e de um país africano, entretanto, ambos os espaços são adjetivados pelo nome do autor do romance que estamos estudando. Assim, fica claro que não estamos falando somente da Bahia, mas da Bahia de Jorge Amado e o mesmo vai acontecer com Angola que em uma relação metonímica é refletida através da sua capital: Luanda.

Portanto, em ambas as narrativas temos um espaço singularizado por esses autores e que não pode ser reproduzido em sua totalidade por ninguém mais, isto é, as ações de cada um desses romances dão-se em um espaço romanescos único; criado para as narrativas de certa autoria e que não pode ser dividido com outra ficção.

Por último, temos a questão da infância que amalgama os dois romances apesar de ser representada de modo diferente nas obras literárias, em *Capitães da Areia* a infância é marginalizada enquanto em *Bom dia, Camaradas* ela nem sempre é vivida de forma plena, mas assim mesmo encontra meios de se fazer infância. Em suma, cada autor tenta mostrar essa fase da vida humana como poderia ser dentro de certo espaço físico e momento histórico e nos mostra como ela pode ser influenciada por esse meio e mesmo assim manter a integridade de sua essência.

Referências bibliográficas

ABDALA JR., Benjamin. *De vôos e ilhas: Literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o Brinquedo e a Educação*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2009.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a Cidade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008.

CANDIDO, Antonio. "A Literatura e a Vida Social". In: *Literatura e Sociedade*, Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite*. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. "A Literatura e a Formação do Homem" In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34. Coleção Espírito crítico (seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas), 2002, 77-92.

CANDIDO, Antonio. "O Direito à Literatura" In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 2004, 169-191.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência – a política da Era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.



CARONE, Edgard. *O Estado Novo* (1937- 1945). São Paulo: Difusão Editorial, 1976.

CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 1999.

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da Literatura Angolana*. Luanda: UEA, 1974.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GOLDASTEIN, Norma Seltzer. *Caderno de literaturas: A literatura de Jorge Amado*. Companhia das Letras: São Paulo, 2009.

LAFETÁ, João Luís. *1930: A crítica e o modernismo*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

LOTAMN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Trad. M.C.V. Raposos e A. Raposo. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000.

MACÊDO, Tania. *Luanda, Cidade e Literatura*. São Paulo: Editora UNESP; Luanda: Nzila, 2008.

ONDJAKI. *Bom dia, camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOLDASTEIN, Ilana Seltzer (organizadoras) *Caderno de leitura: O universo de Jorge Amado*. Companhia das Letras: São Paulo, 2009.

SCHWARTZ, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet e COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Editora Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SERRANO, Carlos Moreira Henriques. *Angola: nasce uma nação - um estudo sobre a construção da identidade nacional*. 1988. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988. Acesso em: 26 dez. 2023.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

Recebido em 14/08/2023

Aceito em 07/12/2023